

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

ESCUTAR OS RIOS COMO TECNOLOGIAS DA DEMORA

Carlos Henrique Falci¹

Mariana Carvalho Jorge²

Nayara Rufino³

RESUMO

Nossa proposta parte do modo de conviver com os rios, baseada em narrativas de memória de ribeirinhos da região do Médio Rio Solimões, para entender tais comportamentos como tecnologias da demora. Entre 2022 e 2023 coletamos narrativas de moradoras e de moradores ribeirinhos, em comunidades localizadas no Lago Tefé e na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Mamirauá, na Amazônia Brasileira. Observamos os seus modos de vida, a maneira como se relacionavam com as águas e os seus movimentos, além da forma como apreendiam o comportamento dos rios. Quando falamos de tecnologias da demora, pensamos em técnicas/tecnologias como maneiras de conviver com a Terra no tempo ou nos tempos dela. Nos vários tempos dos seres não-humanos, que funcionam em outras temporalidades. Escutar as vozes que se relacionam com as águas, escutar os rios é uma possibilidade de conhecermos modos de vida diversos, distintos, é uma abertura para as diferenças no viver. Trabalhar a partir das tecnologias da demora significa estarmos abertos para outras e novas afecções, para sensibilidades que não conhecemos. E não para dominá-las ou compreendê-las, mas para estabelecermos convivência, para sermos capazes de nos individuarmos junto com a própria Terra, e com as tecnologias que criamos, em temporalidades que respeitam essas afecções e suas demoras.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias da demora. Escuta dos rios. Memória. Rios amazônicos.

¹ Doutor em Literatura, professor da Escola de Belas Artes – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Contato: chfalci@gmail.com

² Graduada em Antropologia, UFMG. Contato: marianacarvalhojorge@gmail.com

³ Bacharel em Cinema de Animação e Artes Digitais, UFMG. Contato: nayararufino@gmail.com

A MULTIPLICIDADE DE TEMPOS E AS TECNOLOGIAS DA DEMORA

“E o rio tem memória?” Essa pergunta me foi feita por um morador da região de Tefé (Médio Rio Solimões), logo na primeira vez que cheguei na cidade. Parado na praia, eu olhava um barco vindo de Manaus, atracado no porto. Me agachei na beira do lago Tefé, e falei: “vim conversar com as pessoas daqui sobre as memórias dos rios.” Ele me olhou, agachou-se ao meu lado e perguntou: “e o rio tem memória?”. De imediato, devolvi a pergunta para ele: “não sei, você acha que tem?”. Ele pegou uma pedra, jogou no leito do lago e falou: “é movimentado, né? Está sempre indo e voltando, muda muito. Acho que tem memória, mas não sei bem...”. Percebi, contudo, que nesta primeira viagem me dediquei mais a ouvir as memórias *sobre* o rio, ou seja, a não descuidar das memórias das pessoas. À medida que escutava as lembranças, o rio parecia falar, interpor-se no meio da conversa, porque era impossível evitar a sua presença, naturalmente. Contando esse episódio para as outras duas autoras deste artigo, me dei conta de que o próprio rapaz havia nos dado uma pista sobre a necessidade de escutar os rios.

Entre 2022 e 2023 coletamos narrativas de moradoras e de moradores ribeirinhos, em comunidades localizadas no Lago Tefé e na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Mamirauá, na Amazônia Brasileira. Observamos os seus modos de vida, a maneira como se relacionavam com as águas e os seus movimentos, além da forma como apreendiam o comportamento dos rios. Percebemos o olhar que os ribeirinhos tinham sobre as marcas deixadas por essas águas nas árvores, bem como sobre a mudança no volume dos cursos d’água, nas secas e nas cheias, quando o rio chega a subir até 15 metros em relação ao período seco. O comportamento do rio, entretanto, para além das marcas físicas na terra, é também assimilado por essa população a partir dos sons produzidos pelo rio e, dentre eles, o som do *banzeiro*, o que demonstra a forte relação dos ribeirinhos com as águas.

Com o passar do tempo, frases como “o lago é traiçoeiro, o tempo vira do nada”, dita por Armelindo, morador de São Sebastião do Curumitá de Baixo⁴, ou “o lago é como uma

⁴ Entrevista realizada em junho de 2023

criança que se irrita facilmente”, dita por Braga, de Bom Jesus da Ponta da Castanha⁵, passaram a fazer parte do cotidiano e a criar em nós um repertório sobre o que chamamos, aqui, de comportamento do rio: a forma como ele é percebido por aqueles humanos que relacionam-se diariamente com ele. Durante as viagens e as travessias das águas do lago Tefé, do rio Solimões e dos paranás e igapós que habitam a região, ouvimos os relatos das pessoas com quem nos encontramos e notamos a intensidade da agência do rio, as suas diversas temporalidades e os seus modos de individuação. Observamos que as narrativas de memória dos ribeirinhos evocam elementos que falam de uma grafia das águas nas paisagens e de modos de existência *com* as diferenças – vive-se *com* o rio. Essas formas de viver com o rio são maneiras de romper com a visão em que os elementos da terra e das águas são compreendidos como recursos ou como objetos.

Na entrevista com seu Dalvino, na Boca do Mamirauá, em 18 de março de 2023, ele indicou as malhadeiras como um problema para a questão da pouca profundidade dos rios. Segundo ele, desde que a pesca com malhadeira se tornou comum e usada em larga escala pelas comunidades, os peixes grandes deixaram de ficar nos rios e paranás perto da Boca de Mamirauá e mesmo perto do Lago Mamirauá. E seriam os peixes os responsáveis por levantar e cavar a terra no fundo dos rios, com os seus movimentos, o que faria com que os leitos se mantivessem fundos. Com as malhadeiras, os peixes grandes deixam de habitar esses locais e os rios passam a acumular terra no fundo, o que faz com que eles fiquem cada vez mais rasos. E as malhadeiras não são necessariamente um equipamento tecnológico de ponta, mas são já uma tecnologia de pesca em maior escala do que com a linha, o caniço, a flecha ou a zagaia.

Em uma conversa com Augusto Coelho, morador da comunidade de Boa União⁶, ele falou sobre a relação de alternância entre construção e destruição, que acontece entre o rio e os demais seres, citando como exemplo o poder que as águas têm de levar embora as plantações. Com naturalidade, constatou que “é sempre um recomeço” e que, portanto, deve-se observar o rio, pois ele orienta o tempo do plantio, para que seja possível colher

⁵ Entrevista realizada em março de 2023

⁶ Entrevista realizada em junho de 2023

antes da cheia. Dona Ivanilde, da Boca do Mamirauá⁷, em semelhante reflexão, aponta que é preciso “plantar ligeiro e colher ligeiro” as plantações de três meses, para tentar evitar que a água as levem.

Podemos perceber, portanto, a manifestação do que entenderemos como tecnologias da demora, um termo que se relaciona com a tecnologia enquanto uma abstração da técnica, por um lado; e, por outro, com as possíveis relações da tecnologia com o tempo de outros seres (humanos e não-humanos). Essas duas formas de interpretação nos interessam, para discutirmos a maneira como as tecnologias da demora nos permitem perceber ordens de magnitude temporal diversas entre seres humanos e não-humanos, engendrando modos particulares de existência.

As tecnologias desenvolvidas em larga escala a partir da Revolução Industrial, bem como a noção de conhecimento científico que as sustentavam, foram pensadas, em sua grande maioria, como formas de acelerar o tempo do mundo, ou *os tempos* do mundo. Onde a natureza parecia impor tempos mais lentos, os seres humanos utilizaram a tecnologia como forma de antecipar a promessa do progresso: a criação de um mundo melhor, mais adequado aos seus desejos. No entanto, o que vemos é um mundo do qual estamos cada vez mais desconectados, embora as conexões tecnológicas pareçam dizer o contrário.

Os seres não-humanos, digamos por exemplo, as sementes de árvores ou de flores dependem de fatores com temporalidade extremamente variável e não quantificável. (Kimmerer, 2023) Isso nos distancia da natureza, e faz com que a noção de cultura também seja apartada dessa. Afinal, os conhecimentos que produzimos e nos quais nos baseamos para criar essas ferramentas de aceleração do tempo são uma forma de cultura. Mas são apenas uma das formas. Em que momento a cultura encontra a natureza? Nosso palpite é que isso demanda modos de presença cuja escassez é patente no *modus vivendi* contemporâneo.

Vivemos a sociedade da não-presença, do cansaço (Han, 2017), do tempo 24/7, como define Jonathan Crary (2014). Um mundo que não pode parar, dormir, deixar de produzir.

⁷ Entrevista realizada em março de 2023

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Uma boa maneira de exemplificar isso se encontra nas ditas redes sociais, nos aplicativos de mensagens instantâneas, que nos convocam todo o tempo para uma não presença, para um não-lugar. Paradoxalmente, vivenciamos diversas temporalidades, mas de maneira apenas ilusória, pois o tempo é cada vez mais comprimido pela exigência de resposta rápida, instantânea. Parece-nos que a mesma coisa se passa quando pensamos nos modos de cultivo baseados em monoculturas, com uso de pesticidas e métodos para acelerar o crescimento das espécies, e fazer com que um determinado tipo de semente produza o ano inteiro, mesmo fora da estação adequada. O uso de tais métodos tenta controlar o tempo, reduzindo o número de seres que habitam as plantações, criando períodos de crescimento para vegetais e frutas com base na imposição da percepção humana do tempo. Esse modo de existência distancia as pessoas da natureza e faz com que não a compreendamos também como cultura. O resultado é uma sociedade cada vez mais estruturada em torno da não presença. Uma sociedade da não presença está progressivamente se afastando do trabalho com a terra e com a natureza, pois esse trabalho exige renunciar ao controle exato do tempo e aprender a compartilhá-lo com outros seres não humanos, cujo tempo não opera de forma precisamente quantificável. A natureza, aqui, deve ser considerada a partir da ideia de transindividuação, desenvolvida por Simondon, e das ideias de relação e intra-ação, conforme Karen Barad (2007).

Na tese de Gilbert Simondon (2020), o transindividual surge quando os seres (em permanente constituição) coexistem como elementos de um sistema caracterizado por potencialidades e metaestabilidades, tensão e espera. As tensões pré-individuais criam processos de individuação, quando as relações entre seres desembocam em resoluções temporárias. Dito de outra maneira, quando uma semente eclode, uma determinada tensão pré-individual se resolve, pois a semente agora irá se tornar uma árvore ou uma leguminosa. Mas surgem novas tensões, pois a semente eclodida passa a integrar um novo conjunto de relações com o seu entorno. Assim, os seres não cessam de estar em relação, de se modificarem nas relações e modificarem as próprias relações das quais fazem parte. Não se tornam indivíduos completos e isolados do mundo que os cerca; antes, se tornam individuações, metaestabilidades derivadas de relações e de intra-ações, como postula Karen Barad (2007).

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

A noção de intra-ação parte do princípio de que não há seres constituídos que precederiam uma relação. As agências emergem a partir da intra-ação, e elas são distintas, específicas, existindo somente a partir do estabelecimento da relação, em função do seu entrelaçamento momentâneo. Seres pré-individuais entram em relação e essa relação é tanto baseada numa intra-ação quanto produz intra-ações entre os pré-individuais. Segundo Barad (2007), não haveria seres já formados que entram em relação. A autora propõe pensarmos que não há pré-existência da matéria ou dos discursos de sujeitos e objetos, de humanos e não-humanos, de natureza e da cultura, e sim uma intra-ação de reconfigurações dinâmicas do mundo, com determinadas propriedades e limites locais. (Fischetti, 2022). As tecnologias podem reconfigurar conjuntos materiais-discursivos, produzindo novas individuações, sempre dinâmicas e não-prefixadas. Ou seja, as tecnologias podem participar de emaranhados sócio materiais como pré-individuais (Simondon, 2020) e não como mediadores ou como separadores dicotômicos. Para tanto, é importante que sejam pensadas a partir da lógica da demora, do emaranhamento, de aglomerados de pré-individuais. E isso significa pensar as relações entre tempo e presença.

Presença significa ter tempo; estar no tempo presente. Numa visão capitalista baseada na opressão/supressão/apropriação do tempo dos indivíduos, isso é entendido como “gastar” tempo. Controlar o fluxo do tempo sempre foi uma das questões centrais das sociedades capitalistas, e as tecnologias vêm sendo utilizadas em larga escala com esse propósito.

Mas, se a tecnologia é uma maneira de reorganizar o tempo, ela pode criar demora? Podemos desacelerar os tempos? Para discutir essas possibilidades, é importante retomarmos as ligações entre técnica e tecnologia. Uma técnica carrega uma marca, um vestígio do ato que a criou. Se tomamos uma canoa ou um barco, cada um deles possui uma forma associada a uma técnica, uma maneira de trabalhar com a materialidade do mundo. Mas, uma vez que tais objetos estejam separados do primeiro ato que os criou, a técnica que lhes deu origem passa a estar no objeto, que pode ser constantemente moldado em outras formas. Isso torna possível imaginar maneiras diferentes de usar os materiais que compõem esse objeto. É possível criar canoas ou barcos de tamanhos diversos, de acordo com as águas em que se deseja navegar, sejam elas mais rápidas, mais fundas ou

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

mais rasas; com motores mais ou menos potentes, no caso dos barcos. A tecnologia surge quando as pessoas abstraem os elementos estruturantes desses conjuntos técnicos e então imaginam combinações até então inconcebíveis entre eles. Pensar a tecnologia como uma abstração da técnica significa voltar à ideia de técnica como uma exteriorização da memória humana, conforme sugerido por Bernard Stiegler (2009). Esse é o primeiro movimento em direção às tecnologias da demora.

A externalização da memória humana numa técnica permite que esta gere outras percepções sobre o que está à nossa volta, produzindo memórias que não dizem mais respeito ao primeiro corpo que gerou o objeto. No caso das canoas ou barcos, por exemplo, pode-se dizer que elas são uma forma de relacionar-se com as águas. E essa relação dá-se a partir da percepção do tempo das águas, da sua intensidade, do seu volume, do peso da canoa ou barco, do seu tamanho. Quando alteramos a materialidade ao nosso redor, estamos tensionando o espaço e o tempo. Se aceitamos essa premissa, uma tecnologia é uma forma de estruturar o tempo, de reorganizá-lo. Uma tecnologia, como uma abstração da técnica, é capaz de organizar temporalidades.

Parece-nos essencial, no entanto, vislumbrar tecnologias que difiram da noção de Stiegler, a qual envolve conjuntos complexos de instrumentos técnicos e industriais e seus modos de operação. O modo de pensar e agir dos povos ribeirinhos da Amazônia destaca a necessidade de considerar outros tipos de tecnologia, o que chamamos aqui de tecnologias ancestrais. Elas seriam métodos de relacionamento com o mundo derivados de técnicas de demora, e fundamentados em experiências que respeitam o tempo de todos os seres envolvidos em qualquer relação. São abstrações de técnicas de demora, manifestando-se como maneiras do corpo se envolver e perceber a natureza. Mantêm a noção de abstração da técnica e externalização da memória, como vista em Stiegler (2009), embora divirjam dela. Afinal, são tecnologias ancestrais porque transformam gestos individuais, envolvendo ou não objetos tecnológicos. Devem ser entendidas como formas coletivas do corpo de ouvir e experimentar o transindividual. Uma tecnologia pode criar demora, ou despertar nossa sensibilidade para a necessidade da demora. Para olhar outras formas de habitar o mundo, e de estar com o mundo em tempos mais dilatados. Se a tecnologia

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

incorpora e cria conhecimentos sobre outros modos de conhecer e de viver a materialidade do mundo, o que ela pode fazer é alterar o curso do tempo.

Ao tratar das tecnologias da demora, torna-se possível pensar em técnicas ou tecnologias tais como maneiras de conviver com a Terra no tempo ou nos tempos dela, contemplando os vários tempos dos seres não-humanos. Aqui entra o segundo aspecto do termo “tecnologias da demora”, relativo às combinações temporais que as tecnologias podem fazer aparecer. Trabalhar a partir das tecnologias da demora significa, então, estarmos abertos para outras e novas afecções, para sensibilidades que ainda não conhecemos. Não se trata de uma tentativa de dominá-las ou de compreendê-las, mas de estabelecer convivência, para sermos capazes de nos individuarmos junto com a própria Terra e com as tecnologias que criamos. Augusto Coelho, em outra de suas reflexões, disse sobre o “saber viver com a abundância” e, assim, “navegar para observar a beleza... aproveitar os momentos conforme eles são oferecidos e respeitar o tempo do rio”. Dona Edirce, moradora da comunidade de Tauary⁸, nos contou que acompanha a tradicional pesca de facho, durante as noites, por prazer, e que se põe a observar a desova dos peixes.

Nas conversas realizadas ao longo deste projeto, o rio foi tomando forma, tanto física quanto simbólica, fosse pela sua centralidade no cotidiano, pela força do seu deslocamento e dos deslocamentos que provocam (de terras, de pessoas, de comunidades inteiras), pelos sons que as pessoas ribeirinhas associam às águas, ou pelo movimento dos peixes, entre vários outros elementos. As falas multiplicavam as águas, o modo como elas estão vivas, a existência de movimentos que independem do desejo das pessoas, como que a indicar uma outra ordem de magnitude temporal, com a qual podemos e devemos nos relacionar de maneira a coexistirmos, reconhecendo-nos como seres vivos. Na região da RDS Mamirauá, o rio aparece como um ente a ser observado em seus movimentos, porque ele pode levar embora grandes porções de terra (a terra caída), e fazer com que comunidades inteiras desloquem-se várias vezes ao longo de sua existência, como a comunidade de Caburini, no local onde o rio Japurá encontra-se com o Solimões. Os

⁸ Entrevista realizada em março de 2023

modos do rio surgem constantemente na fala das pessoas, e também como reguladores de atividades cotidianas nas comunidades.

Como nos disse Seu Raimundo Gomes (Seu Sandro), morador do Caburini⁹, “tem lugar que a terra cria, noutros vai é tirar um pouquinho”. Ele conta que tiveram que mudar-se sete vezes de lugar, indo quatro vezes mais para longe e outras três vezes mais para perto do rio, de acordo com o movimento das águas. Sentados na varanda de sua casa, ele apontou para o chão embaixo da palafita e nos disse: “aí embaixo está o assoalho da casa antiga em que morávamos. O rio veio trazendo a terra com tanta força que quando abaixou não dava mais pra retirar o que o rio trouxe. A casa ficou soterrada e fizemos um andar novo por cima dela.” Os deslocamentos se fizeram para aproximarem-se do rio e diminuïrem a distância de acesso a água, utilizada para banhos, lavar roupas, cozinhar; ou para escaparem da cheia do rio, que traz volumes de terra consideráveis e alaga as plantações e pomares, ocasionando perdas de colheitas e de áreas de plantio. A mobilidade frequente é um ponto forte nas narrativas de memória de dois moradores da comunidade do Caburini, mas a dinâmica ambiental interfere na vida de todas as comunidades da Boca do Mamirauá, independentemente de o fenômeno da terra caída afetar todas elas. A comunidade move-se em função das mudanças do rio, em vez de combatê-las criando grandes aterros ou mesmo diques que impediriam a entrada das águas.

Outro termo que associamos com a criação de tecnologias da demora é o banheiro. Nos diálogos com moradoras e moradores surgiu um marcador físico importante das águas, na forma de uma sonoridade, difícil de traduzir numa onomatopeia, mas que se assemelha a algo como “bouuuuummm”, “bouuuuummm”. Esse é o som do banheiro, quando bate na canoa, nas margens dos paranás ou no lago Tefé. Os moradores e moradoras trouxeram esse som, e os demais relatos tornaram a presença do banheiro muito forte nas lembranças de cada pessoa. Esse fenômeno indica quando é possível se aventurar numa saída com barco no lago Tefé e nos rios da região, ou quando se deve esperar, porque o risco de alagamento é muito grande. Identificamos aqui uma série de relações com o tema central deste artigo. A primeira diz respeito a entender o rio como um ser vivo cujo modo de existência se faz perceber em suas ações e gestos. A segunda, para se estabelecer uma

⁹ Entrevista realizada em março de 2023

relação de co-existência com os rios, é necessário que se estabeleça uma transindividuação, e ela recebe um nome concreto pelos ribeirinhos: banzeiro. Finalmente, a maneira de percebermos o banzeiro como uma escuta das águas se dá quando os ribeirinhos decidem ou não sair para os rios, por conta do modo como as águas e os ventos se apresentam.

A MEMÓRIA E A DEMORA

Quando paramos para ouvir os rios, experimentamos a demora. Essa espera é também uma forma de fazer memória; afinal, ela nada mais é do que a demora no tempo, ou do tempo. Se demorar no tempo é se deixar ser atravessado pelo que flui, pelo que não logramos controlar, dominar. Mas tal ação nos remete, igualmente, ao habitar, permanecer durante um tempo num determinado lugar, e fazer daí, casa, um lugar de memória. Quando nos demoramos, ficamos à espera, e esse gesto nos abre para o inesperado, para aquilo que, em nós, pode produzir uma diferença. Isso não é novo. Reforçar essa fala diz respeito não só à discussão aqui proposta, mas à própria ideia de que demorar é também habitar os nossos pensamentos. Habitar principalmente os nossos afetos, habitar o corpo. Significa podermos imaginar, e a imaginação é uma demora. Com ela, nos tornamos capazes de perceber coisas que não são medidas pela sensibilidade humana, mas que nos habitam e habitam o mundo em que vivemos. Num momento em que eventos climáticos extremos como as secas na Amazônia ou as enchentes no Sul do país apresentam-se como um limite para a visão de progresso e domínio do homem sobre a natureza, Veronica Strang (2023) nos lembra que as crenças e valores humanos são co-constituídos pela maneira como nos engajamos materialmente com o ambiente, com os seres que estão à nossa volta, e de que forma compreendemos as agências mútuas entre seres humanos e não-humanos, aqui incluídos os rios e os seres que os habitam. Podemos ver essas relações no que tange às narrativas sobre as cobras grandes. Elas aparecem associadas às tempestades, raios e manifestações extraordinárias da natureza, como no relato de Silas, morador da comunidade de Boca do Mamirauá¹⁰. Ele conta que foi pescar com um amigo,

¹⁰Entrevista realizada em junho de 2023

e quando foram colocar uma bóia no peso da malhadeira, a bóia começou a afundar, andando para baixo. “Ai a gente ‘fiquemo’ olhando, aí quando já começou a relampear, começou escurecer tudo o céu é, à noite né? Aí começou a dar aquele trovão, falei: Éder, vai chover, eu acho que nós mexemos com a cobra (...) Vinha muito (a chuva vinha forte), você escuta um barulho assim que vem estralando tudo, a modo de quebrar a árvore no meio do mato, um negócio bem feio mesmo. A gente ‘tiremo’ tudo ali e fomos pra beira. ‘Fiquemo’ esperando a chuva cair”.

Há quem se recuse a falar das cobras grandes por considerá-las como manifestações do diabo, que não devem ser ouvidas nem faladas. No entanto, nos parece necessário retomar essas narrativas, ainda que não em sua totalidade nesse artigo, para compreender de que forma se situam, contemporaneamente, as relações natureza-cultura a partir da dinâmica das águas, dos rios como seres vivos e dos entes que habitam as águas, como os botos e as cobras-grandes, seja do ponto de vista mítico, literário ou factual. No caso específico da cobra grande, chama a atenção a associação que se faz desse ser não-humano com a chegada das tempestades muito fortes, com raios e muitos ventos. (SANTOS, 2022). Marilina Serra Pinto (2008) afirma que a aparição da cobra-grande “é sonora e inusitada, marca o relevo e modifica a topografia, faz surgir os igarapés. Seus olhos lembram duas tochas de fogo.” (PINTO, p. 6, 2008)

Ouvir os ventos ou observar as águas, ações entendidas como técnicas, pode ser visto como mais do que simplesmente saber como executar uma ação. Essas técnicas podem promover uma predisposição para se sintonizar com os cursos d'água que envolvem não apenas um gesto específico, mas uma maneira de se comportar que permite a percepção dos sons do rio. Além disso, essa abstração do gesto técnico poderia nos levar a desenvolver tecnologias de demora, pois envolvem um modo de escuta perceptiva mais amplo. Essas mesmas tecnologias conectam os humanos a formas sonoras que demandam atenção, pois diferem do que as pessoas normalmente vivenciam diariamente. A atenção se liga tanto à imaginação quanto à memória, à nossa capacidade de criar relações e de estar no meio delas. O banzeiro é um caso singular de como a escuta das águas se dá para muito além do próprio rio.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Aqui importa compreender como as águas envolvem diversas materialidades, desde sua presença física no curso dos rios até as decisões institucionais que regulam essas mesmas águas, bem como as cosmologias que tem a água como centralidade na criação de mundos. Em lugar de pensar somente um ciclo hidrológico de renovação infinita, adotamos a ideia de um ciclo hidrosocial, em que a vida cotidiana das pessoas se relaciona com a vida cotidiana das águas, como semelhantes, e em que há uma mútua interferência nos modos de vida desses grupos (água, humanos e não humanos).

Como afirmam Cecília Chen et al., a água não é uma entidade abstrata, ela precisa de um corpo ou de um lugar para existir, o que significa dizer que ela está situada, e que nós também nos situamos em relação às águas. (Chen et al., 2013) No entanto, elas evocam espaços e tempos “estranhos”, territórios extraordinários, com os quais não estamos acostumados a lidar. Lugares outros, um outro lugar, o diferente, o diverso. Se pensarmos nos rios como lugares de memória, são lugares de memória misteriosos, outros, que pedem também outras formas de compreender a memória. As autoras sugerem formas alternativas de narrar como uma das maneiras de se aproximar dessas experiências estranhas e dar voz a vocabulários “aquosos” e inclusivos, produzindo sentidos comunitários em relação às águas. Entender a materialidade da memória dos rios pode ser um exercício conectado às paisagens que os cursos d’água criam ao longo do tempo. A paisagem, como afirma Leal (2013), é o tempo materializado, ou se materializando, porque se modifica constantemente. A paisagem não é o que vemos, mas uma forma de ver. No texto da mesma autora, ela sugere um exercício de vermos o nosso olhar e os nossos comportamentos quando buscamos os rios, num exercício de reflexo bem apropriado ao cânone de espelho das águas. A memória dos rios se situa, assim, interligada ao fluxo, ao movimento e ao próprio tempo e temporalidade das águas.

Evocamos a memória como uma forma de produzir relações, como tecnologias da demora. Sugerimos compreender a demora como uma capacidade de cada pessoa, que pode ser cultivada ao longo da vida, de ter percepções das coisas à sua volta. Isso significa conseguir perceber as multiplicidades temporais aí envolvidas. É importante não perdermos a capacidade de produzir relações entre uma multiplicidade de temporalidades. Só que isso exige tempo, percepção dessas temporalidades; exige produzir demora. Viver

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

a demora talvez seja um termo melhor, porque a memória não é uma coisa para ser produzida, mas sim para ser vivida, experimentada, e não trabalhada como um produto que podemos adquirir. Um dos gestos associados a esse tipo de relação com a memória é justamente a escuta, a capacidade de escutar o que está à nossa volta, de nos demorarmos com nossos sentidos, com as relações que nos mantêm vivos.

ESCUTAR OS RIOS

Propomos, dessa forma, pensar a escuta como uma tecnologia da demora, e isso talvez seja o oposto dos usos contemporâneos da tecnologia, que é tentar controlar o que é diferente, o que está num tempo distinto, ou acelerar processos considerados “demorados”. Nos aliamos aqui à crítica que Bernard Stiegler faz sobre a industrialização da memória e uma consequente desorientação provocada por esse movimento. Stiegler (2009) pensa a técnica como uma externalização da memória, o que faz com que a memória passe a existir para além do humano que a produziu. Entretanto, isso não significa que ela seja o oposto do humano, e sim, justamente, sua possibilidade de existência. A técnica não é mais ou menos que o ser humano; ao exteriorizar e objetivar a memória, ela amplia o tempo de permanência do gesto para além dele mesmo, além de carregar traços e rastros de temporalidades distintas daquelas em que ela se apresenta. Os rastros são registros que permitem à memória voltar-se sobre si mesma, ser reflexão, porque é transmitida para fora de si. Quando o pensamento se torna iterável para além de si mesmo é quando o seu modo de existência se faz enquanto um rastro, enquanto traços do pensado. Esse gesto pode fazer com que amplifiquemos nossa capacidade de criar relações entre as mais diversas possibilidades de existência. A memória se configura, dessa forma, como uma organização parcial do saber, que sempre escapa e é mais ampla do que o seu registro. No entanto, é esse registro do saber, como memória, que permite seu compartilhamento.

As pessoas se lembram de comportamentos do rio, dos animais do rio, dos seres que estão em contato com ele, e esses seriam os elementos da paisagem e os elementos de memória sobre uma paisagem, que é o próprio curso do rio. Nos depoimentos, os ribeirinhos

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

conseguem delimitar regiões dos paranás, do lago ou dos rios, ainda que não se possa dizer que estas regiões configurem lugares ditos. O que parece mais marcado é a existência de elementos ou narrativas associados a comportamentos do rio ou dos animais que vivem junto com ele. Isso reforçaria a ideia de que o rio carrega memórias, e as memórias carregam o rio.

Do ponto de vista de um conjunto mais amplo de narrativas, isso significa atestar que, em vários outros campos do conhecimento, nós estamos o tempo todo produzindo narrativas, que nada mais são do que formas de contar nossa experiência no/do mundo com os materiais que temos à mão, à disposição, ou que escolhemos utilizar. Reforçamos aqui a compreensão da narrativa como uma maneira de organizar o tempo, o que não significa necessariamente linearidade temporal, ou somente o uso da linguagem escrita. Então, em alguns momentos utilizam-se materiais e métodos mais quantitativos, próximos do que chamamos as ciências “duras” (*hard science*), que também produzem narrativas, nem mais ou menos válidas do que aquelas derivadas de outras experiências de mundo. Elas são feitas, criadas a partir de uma determinada escuta, de um modo de observação, do modo como nós nos posicionamos e escutamos o mundo. A partir destes lugares recolhemos observações, visões, fatos sobre o mundo e criamos narrativas. Fazer memória é reconhecer quais os modos de escuta são necessários para ouvir as águas, os rios, e a partir deles, reconhecer quais são os saberes implicados nesses modos de escuta e deles derivados. De que maneira podemos entrecruzar as várias escutas? Acreditamos que esse cruzamento permite adensar o saber sobre os rios e produzir uma identidade mais colaborativa, reconhecida por todas as pessoas, e que preserva as diferenças entre os tipos de existência aí envolvidos.

Escutar os rios é ir em direção aos registros, rastros que as águas deixam nas margens, nas pessoas, nos animais. Os rios compartilham sua existência conosco, e pedem em troca que saibamos nos abrir para sua existência como seres vivos, como existências em relação com. Ouvir as memórias sobre os rios é reconhecer sua existência para além da maneira como os mercados reconhecem e tratam a água enquanto mercadoria e recurso econômico ou financeiro simplesmente. A profundidade dos cursos d'água está intimamente conectada à sua capacidade de continuar se manifestando de maneiras variadas e

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

inesperadas. Entre as muitas menções aos rios como seres com agência própria, independentemente dos humanos, mas em conexão com todos os seres que os circundam, há uma passagem em Marcelo Pereira e Antônio Witoski que exemplifica bem porque é necessário reconhecer que os rios têm memória. Os autores, citando Nogueira (1999), afirmam que “o rio é um caminho que não precisa ser construído, uma vez que desliza e se move por si.” (PEREIRA & WITOSKI, 2012, p. 285) É essa capacidade de agência que nos faz perceber a necessidade de reconhecer não só memórias sobre os rios, mas fundamentalmente a memória dos rios.

A agência do rio se mostra na maneira como os igarapés e paranás vão se abrindo, à medida que as chuvas caem nos rios e fazem a água subir até 15 metros. Esses canais permitem às pessoas economizar combustível quando estão navegando entre suas comunidades e as cidades que ficam nessa região, como Alvarães, Coari, Tefé, entre outras. Os paranás se abrem e dão acesso a lagoas no meio da floresta, onde os pescadores também vão armar redes e armadeiras para pescar o pirarucu, o tambaqui e outros peixes. Encontrar tais lagos mostra como os moradores e moradoras da região aprendem a ler os caminhos das águas, uma vez que nem sempre é fácil perceber, no meio de galhos de árvores já com água pela metade de sua altura, que um lago se abre logo depois delas. Numa das subidas que fizemos pelo paraná do Mañana, um dos moradores de Boca do Mamirauá foi me mostrando pequenas entradas em que a água já está quase encobrindo o capim, indicando lagos que escolhem para armar as redes e encontrar peixes. Trata-se de um saber olhar o rio, reconhecer os caminhos que ele faz sazonalmente, inundando determinadas áreas e depois deixando esses locais, quando vem a estação da seca (Alencar, 2010). Ouvir as narrativas dos rios e sobre os rios significa reconhecer a identidade e a existência daquele que narra, seja humano ou não-humano. E essa questão está intimamente ligada à memória das águas e sobre as águas. Quando ouvimos e reconhecemos tais narrativas estamos reconhecendo o modo de vida das pessoas, o comportamento dos seres não-humanos, a maneira como as populações lidam com os rios. É também uma maneira de reconhecer que esse saber tem lugar, que ele pode existir. As memórias dizem respeito à nossa capacidade de contar e escutar, de trazer de volta essa habilidade de ouvir a natureza narrando, ouvir os rios se contando e saber contar da nossa relação com eles. Se a memória é uma tecnologia da demora, ela pode permitir isso.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Escutar as vozes que se relacionam com as águas, escutar os rios é uma possibilidade de conhecermos modos de vida diversos, distintos, é uma abertura para as diferenças no viver. O tempo da escuta pode ser também o tempo em que nos encontramos em situação de acalmar o agir incessante, marca patente dos tempos contemporâneos. Somos constantemente provocados a agir, a não parar, a não estarmos em situações de calma, porque elas seriam excessivamente passivas. Quando as águas dos rios nos colocam em situação de espera, podemos usar esse momento para acalmar o corpo, sentir o entorno e tomar decisões com autonomia, com escolha consciente. Escutar as águas talvez seja uma chance de voltarmos a viver com as diferenças e, nesse movimento, voltar a fazer do mundo, casa.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Edna. **Memórias de Mamirauá**. Tefê: Instituto de Desenvolvimento Sustentável, 2010.

BARAD, Karen. **Meeting the universe halfway**: quantum physics and the entanglement of matter and meaning. Durham: Duke University Press, 2007.

CRARY, Jonathan. **24/7**: capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Cosac & Naify, 2014.

FISCHETTI, Natália. Relacionalidades humano-artefactuales. Lecturas de otra filosofía de la técnica. **Culture Machine**, v. 21, p. 1-13, 2022. Disponível em <https://culturemachine.net/vol-21-antropoficciones/relacionalidades-humano-artefactuales-lecturas-de-otra-filosofia-de-la-tecnica-natalia-fischetti/>. Acesso em 07 set. 2025.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

KIMMERER, Robin Wall. **A maravilhosa trama das coisas**: sabedoria indígena, conhecimento científico e os ensinamentos das plantas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023.

LEAL, Ondina Fachel. Paisagem etnográfica: imagens, inscrições e memória nos cadernos de campo. In: **Iluminuras**, v. 14, no.34, p. 62-84, ago/dez 2013

NOGUEIRA, R. J. B. **Amazonas**: um estado ribeirinho. Manaus: EDUA, 1999.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

PEREIRA, Marcelo S.; WITOSKI, Antônio C. Construção da paisagem, espaço e lugar na várzea do rio Solimões-Amazonas. **Novos Cadernos NAEA**, v. 15, n.1, p. 273-290, jun. 2012.

PINTO, Marilina Serra. A Amazônia e o imaginário das águas. In: 1o. ENCONTRO DA REGIÃO NORTE DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, 2008, Manaus. **Anais do 1o. ENCONTRO DA REGIÃO NORTE DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA**. Manaus: 2008, p. 1-13.

SANTOS, Jaqueline Gomes. **Lugares-tempos no lago Amanã**: paisagens arqueológicas e habitabilidades ribeirinhas. 2022. Tese (Doutorado em Antropologia: Arqueologia). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

SIMONDON, Gilbert. **A individuação à luz das noções de forma e de informação**. São Paulo: Ed. 34, 2020.

STIEGLER, Bernard. **Technics and time: the fault of Epimetheus**. Stanford: Stanford University Press, 2009.

STRANG, Veronica. **Water beings: from nature worship to the environmental crisis**. London: Reaktion Books, 2023.